

**“VOLTAR AO PRIMEIRO AMOR”**  
**O compromisso da Igreja latino-americana**  
**e o bolivarianismo**

*Marcelo Barros\**

**Resumo**

*Marcelo Barros lê as cartas do Apocalipse às sete igrejas (Ap 2–3), particularmente a carta aos Efésios (Ap 2,1-7), para fazer um confronto de resistência com situações análogas na América Latina. Inspirado em Simon Bolívar (início do séc. XIX), o surgimento do Bolivarianismo a partir da década de 1970 inspirou os movimentos de resistência e esperança no Equador, Bolívia e Venezuela. Índios e lavradores da América Latina vivem de certa forma um novo Êxodo. A leitura da Bíblia a partir da injusta realidade de que são vítimas lhes dá força na luta contra a opressão. Esses países conseguiram fazer uma justa reforma agrária, aprovar leis para um estado multiétnico, no qual os povos indígenas passam a ter direitos fundamentais e podem ser ouvidos no Congresso. Apesar de todas as dificuldades, esse movimento tem gerado dinamismos sociais e transformações progressistas em todo o continente.*

**Palavras-chave:** *Apocalipse. Bolivarianismo. América Latina. Leitura contextualizada da Bíblia.*

**Abstract**

*Marcelo Barros reads the letters from the Book of the Revelation to the seven churches (Ap 2-3), particularly the one to the Ephesians (Ap 2,1-7), to establish a confront of resistance with analogical situations in Latin America, inspired by Simon Bolivar (early 19<sup>th</sup> century) and the arising of movements of resistance and hope in Equator, Bolivia and Venezuela. Indians*

\* Marcelo Barros é monge beneditino, biblista e teólogo, assessor nacional das comunidades eclesiais de base e dos movimentos populares. Tem 45 livros publicados. É atualmente coordenador latino-americano da Associação Eumênica de Teólogos e Teólogas do Terceiro Mundo (ASETT). Sua mais recente publicação ainda no prelo é “Evangelho e Instituição” (Ed. Paulus).

*and manual workers in Latin America face their own Exodus. The reading of the Bible from the unfair reality they live in, gives them strength to fight against oppression. These countries were able to perform a fair agrarian reform, reaching the approval of laws to a multiethnic state, in which the Indian people began to have fundamental rights and could be heard at the Congress. Beyond every difficulty, this movement has been generating social dynamics and progressive transformations all over the continent.*

**Keywords:** *Book of the Revelation. Bolivarianism. Latin America. Contextualized reading of the Bible.*

“A América Latina tem sido o continente, onde o socialismo do século XXI entrou na agenda política”<sup>1</sup>. Essa afirmação do professor Boaventura de Sousa Santos se refere ao processo da “revolução bolivariana” na Venezuela, que, em outros países, toma outros nomes, como “processo cidadão”, no Equador, e “insurreição indígena”, na Bolívia. Esse processo social e político indica uma direção nova para as sociedades nacionais e para a integração dos diversos países no continente latino-americano. Ele se caracteriza por três dimensões que se completam: 1. Uma ação anti-imperialista contra o colonialismo; 2. Uma radicalização da democracia (à democracia parlamentar, junta o exercício de uma democracia participativa e popular); 3. Um caminho para um verdadeiro socialismo, democrático e baseado no comunitarismo das culturas indígenas e afrodescendentes.

Esse novo processo social e político tem como meta a integração dos povos de todo o continente em uma “pátria grande”. Respeita a autonomia local e administrativa de cada país, mas cria uma solidariedade profunda entre os povos. Em alguns desses países, dificilmente o processo revolucionário teria sido vitorioso, se não contasse com a participação de muitos cristãos e cristãs inseridos nas lutas populares. No entanto, até hoje, hierarquias de Igrejas como a Católica-romana e algumas evangélicas continuam reticentes com relação a esse processo.

O evangelho dá um critério de discernimento: “Pelos frutos, conhecereis a árvore” (Mt 12,33). Organismos internacionais da ONU concordam em afirmar que os países bolivarianos foram aqueles que, nos últimos anos, conseguiram reduzir mais as desigualdades sociais. Não quero convencer ninguém a aderir ao processo bolivariano, até porque, na maioria das vezes, esse tipo de adesão não se dá por motivos apenas racionais e sim por opção de vida. Nessas páginas, proponho apenas uma leitura bíblica que ajude a aprofundar a inserção amorosa dos cristãos e cristãs nas bases, especificamente, na caminhada social e política latino-americana. Proponho fazermos isso a partir da leitura das cartas do Apocalipse às Igrejas da Ásia (Ap 2 e 3) e particularmente nos fixar na carta à Igreja de Éfeso (Ap 2,1-7).

1. SANTOS, Boaventura de Sousa. A esquerda tem o poder político, mas a direita continua com o poder econômico. In *Caros Amigos*, março 2010, p. 42.

## 1. A Bíblia na história do continente

Na América Latina e Caribe, desde a revolução cubana (1960) e chegando aos movimentos bolivarianos do começo do século XXI, as comunidades cristãs populares que, no início, não participavam de movimentos revolucionários, passaram a ter uma participação cada vez maior nesses processos. Mesmo se a hierarquia da Igreja Católica continuava, em geral, como sempre havia feito na história, se pronunciando contra qualquer projeto social e político de caráter transformador<sup>2</sup>, muitos cristãos de base e até padres passaram a participar das lutas de libertação. No começo, muitos/as optaram pelo processo revolucionário, apesar da fé cristã. Pouco a pouco, passaram a ser revolucionários, justamente por serem cristãos e viverem profundamente a fé. Essa consciência se tornou possível porque a fé, no lugar de ser compreendida como um conjunto estático de dogmas, passou a ser experienciada como caminho de vida iluminada pela Palavra da Bíblia. Essa mudança de perspectiva ocorreu por causa da leitura bíblica, aprofundada comunitariamente nos grupos bíblicos da América Latina. Nos anos 70, nas montanhas de El Salvador e da Nicarágua, era comum encontrar-se jovens com um rifle em uma mão e uma Bíblia na outra.

Desde os anos 70, ao se reapropriar da leitura bíblica, as comunidades cristãs populares procuraram ler a Palavra de Deus de modo que as ajudasse a enfrentar os desafios da realidade, mas sem colagens fundamentalistas, a partir da experiência da fé, no respeito à dimensão histórica do texto e à sua abertura para diversas releituras. Assim, os índios e lavradores que, no continente, ainda lutam por seu direito à terra puderam sentir-se como em um novo Êxodo, iluminados pela experiência bíblica. No Brasil, uma canção das comunidades diz claramente:

“No Egito, antigamente, no meio da escravidão,  
Deus libertou o seu povo.  
Hoje, ele passa de novo, gritando libertação.  
Para a terra prometida, o povo de Deus marchou,  
Moisés andava na frente. Hoje, Moisés é a gente,  
quando enfrenta o opressor”<sup>3</sup>.

Junto ao livro do Êxodo, a experiência das primeiras comunidades cristãs foi a grande referência para essa caminhada nova de participação dos cristãos nas lutas transformadoras do continente. Em geral, nos primeiros anos da caminhada, tanto por ser uma literatura mais elaborada e aparentemente difícil, como porque tinha sobre ela o peso negativo de interpretações fundamentalistas, o Apocalipse

2. “No século XIX, os papas se opuseram publicamente à independência dos países latino-americanos, à liberdade de consciência, à liberdade de imprensa, à separação entre Igreja e Estado e à liberdade religiosa. No início do século XX, o papa Pio X defendeu que, segundo a ordem estabelecida por Deus, deve haver na sociedade príncipes e vassallos, nobres e plebeus, sábios e ignorantes” (LIMA, Luís Correia, in ALMEIDA, EDSON FERNANDES e outros. *Desejo e Mistério*. Rio de Janeiro: Ed. Reflexão, 2013, p. 60).

3. Cf. ZÉ VICENTE, Bendito dos Romeiros da Terra. CD das Paulinas e transcrição em vários livros das comunidades, Cf. *Ofício Divino das Comunidades*. São Paulo: Paulus, 1994, 15. ed. 2011, p. 406.

não foi um livro que as comunidades leram. Entretanto, a partir dos anos 90, as comunidades começaram a se apropriar do Apocalipse para ler aos olhos da fé a sua experiência de luta e caminhada na direção da libertação<sup>4</sup>.

## 2. O livro do Apocalipse e a resistência das comunidades

Depois da queda do comunismo no Leste Europeu e da derrota do sandinismo na Nicarágua, como do fracasso eleitoral da esquerda no Brasil em 1989, as comunidades inseridas precisavam de uma leitura bíblica que lhes reanimasse a resistência e a esperança. Ora, resistência e esperança foram justamente o ângulo da leitura latino-americana proposta para abordar o livro do Apocalipse<sup>5</sup>. Apesar de todas as diferenças entre a época que vivíamos nos anos 90 e o contexto histórico do livro do Apocalipse no final do século I, esse prisma através do qual as comunidades latino-americanas passaram a ler esse livro partia de situações que lembravam aquelas nas quais as comunidades do final do primeiro século viviam. Pablo Richard explica bem isso: “A literatura apocalíptica tem como contexto histórico fundamental a confrontação Povo de Deus-Império. Não se trata tanto de um confronto político-militar e sim de uma confrontação cultural, ética, espiritual e teológica” (...) “Quando a terra parece destruída e ameaçada de morte, quando as maiorias pobres e oprimidas são cada dia mais excluídas das possibilidades de vida, então, se torna imperioso reconstruir na consciência o projeto de Deus, oculto aos poderosos, mas revelado aos humildes (Mt 11,25-26). A Apocalíptica é a conquista da consciência para a transformação da terra”<sup>6</sup>.

Na América Latina, depois da década de 90, as comunidades cristãs populares têm sido capazes de resistir a uma sempre maior e mais violenta investida do Império. Resistiram também a conflitos e perseguições dentro das próprias Igrejas. Entretanto, junto com muitos outros grupos e movimentos populares, além da resistência, suscitaram algo profundamente novo. A rebelião dos índios do sul do

4. O sétimo número da RIBLA (*Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana*), publicado justamente em 1990 tinha como título: *Apocalíptica, Esperança dos Pobres*. Ali, já se fazia referência à derrota dos sandinistas na Nicarágua à luz do apocalipse de Isaías 26 e se procurava reanimar as comunidades, depois das experiências negativas das eleições de 1989 no Brasil e de outras experiências difíceis para as comunidades (cf. RIBLA, n. 7, Petrópolis, Vozes, 1990). Na mesma época, no Brasil, o CEBI (Centro de Estudos Bíblicos) disponibilizava em seus subsídios para as comunidades e grupos bíblicos, círculos bíblicos de Carlos Mesters sobre o Apocalipse e outros escritos.

Também em outros países da América Latina surgiram livros como Pablo Richard, *Apocalipsis, reconstrucción de la esperanza*. San José, Costa Rica: DEI, 1994.

5. Basta lembrar títulos como o livro de Pablo Richard, *Apocalipsis, reconstrucción de la esperanza*, San José, Costa Rica: DEI, 1994. No Brasil, os círculos bíblicos elaborados por Carlos Mesters e Francisco Orofino tinham como título: *Apocalipse de João, esperança, coragem e alegria*. Esses círculos posteriormente se transformaram em livro. Também ver: Tea Frigerio e CEBI/PA, *Livro do Apocalipse, sonhar, esperar e resistir*. Cebi, 1998.

6. RICHARD, Pablo. Editorial. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 7, Apocalíptica, esperança dos pobres. Petrópolis e São Paulo: Vozes e Imprensa Metodista, 1990, p. 6 (110).

México em Chiapas (1994), os diversos encontros da humanidade contra o neoliberalismo e pela vida, assim como os fóruns sociais mundiais se constituíram como espaço civil e laico, construído de forma pluralista. Entretanto, para as comunidades cristãs populares, esses fóruns tornaram-se o espaço social e político no qual se expressava a caminhada bíblica. A busca do “outro mundo possível” tornou-se o rosto novo da esperança apocalíptica, relida aos olhos de hoje e a partir dos pobres.

Isso tomou um sentido mais novo ainda com o movimento bolivariano. Nos anos 70, em Caracas, intelectuais venezuelanos tinham restaurado a história e o sonho de Simon Bolívar, o libertador do início do século XIX. Tanto militares como civis constituíram nas periferias das cidades da Venezuela círculos de estudo e bolivariano. Esse movimento chegou ao poder com a vitória do presidente Hugo Chávez, nas eleições presidenciais de 1999. A partir dali, formou-se uma assembleia constituinte autônoma que elaborou e fez toda a população votar e aprovar uma nova Constituição que de fato contempla os direitos de todos os empobrecidos, índios, lavradores e gente de periferia, mulheres e crianças. Processo semelhante ocorreu no Equador e na Bolívia. Esses países conseguiram fazer uma justa reforma agrária, conseguiram aprovar leis para um estado multiétnico no qual os povos indígenas passam a ter direitos fundamentais e os oprimidos terem voz e vez no Congresso. Apesar de todas as dificuldades, esse movimento tem ganhado movimentos sociais e setores progressistas em todo o continente. Em momento histórico no qual o próprio conceito de Socialismo parecia desacreditado e destruído como proposta, o presidente Chávez o resgatou. Mostrou que não somente ele é possível, como toma um rosto novo na América Latina integrada e reconciliada. Hoje, na América Latina, é oficial a Comunidade de Estados da América Latina e Caribe (CELAC). É oficial a UNASUR (União das Nações da América do Sul) e a ALBA, (Aliança Bolivariana dos Povos da América) que substituiu os tratados comerciais com o império norte-americano.

Em geral, os bispos e pastores, representantes de conferências episcopais dos países bolivarianos, reconhecem que “nunca os pobres tiveram tanta vez na política e nunca foram tão bem servidos”. No entanto, como declarou um porta-voz da Conferência venezuelana: “Os bispos são contrários a esses governos progressistas bolivarianos, seja porque temem o avanço do comunismo no Continente, seja porque nas constituições novas esses governos têm favorecido projetos como o divórcio, a interrupção legal da gravidez em casos de necessidade médica e principalmente o reconhecimento de direitos legais na união gay”<sup>7</sup>.

Apesar dessa posição da maioria dos bispos católicos e de muitos pastores evangélicos da Bolívia, Venezuela e Equador, muitas comunidades e movimentos cristãos de base, assim como organismos ecumênicos apoiam o processo bolivariano. Nesse contexto de reconstrução da esperança, é importante reler o Apocalipse, agora não mais para continuar dizendo apenas que existe esperança, mas

7. Em 2008, em Caracas, Dom Tomás Balduino e eu escutamos esse depoimento do presidente da Conferência dos Religiosos da Venezuela ao dar os motivos pelos quais a Conferência dos Bispos é em princípio contrária ao Bolivarianismo.

para colaborar efetivamente com os processos existentes de inspiração socialista e confrontá-los com o projeto divino de justiça para todos.

### 3. As cartas do Apocalipse e as Igrejas da América Latina

Apesar de que não se podem comparar as comunidades cristãs na América Latina de hoje com as Igrejas da Ásia às quais o autor do Apocalipse escreve, alguns aspectos poderiam parecer semelhantes:

– As comunidades cristãs inseridas são uma minoria resistente na periferia de Impérios poderosos (no Apocalipse, o Império Romano, na América Latina, o império norte-americano).

– Essas comunidades vivem uma “nova” situação de interculturalidade (no tempo do Apocalipse, as comunidades viviam isso no convívio entre pessoas cristãs de cultura judaica e as de cultura grega. Hoje, o pluralismo cultural e religioso não vigora somente no mundo, mas mesmo no interior das comunidades cristãs).

– Tanto o império antigo na época do Apocalipse, como os impérios atuais, (o político e o econômico que domina o mundo) querem convencer a todos de que não há alternativa ao sistema que eles impõem. As comunidades antigas precisaram do Apocalipse para descobrir e ter certeza de que existem, sim, alternativas e temos de construí-las.

As cartas do Apocalipse (Ap 2 e 3), endereçadas às Igrejas de Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia, contêm uma mensagem vital e na qual podemos descobrir aspectos atuais. Essas cartas oferecem algumas informações concretas sobre como viviam as comunidades cristãs no começo do século II, na então província romana da Ásia Menor (atual Turquia). Eram pequenas comunidades de periferia urbana e não de cultura rural. No mapa, essas Igrejas da Ásia formam quase uma espécie de círculo e estão em torno de uma estrada que atravessava a região. De fato, cada uma delas tinha uma realidade singular e própria, mas podia servir de símbolo de outras Igrejas particulares às quais o autor do Apocalipse quer se dirigir.

Ao lermos, hoje, as sete cartas, percebemos que elas têm o mesmo esquema e algumas coisas nos tocam mais:

a) As cartas são todas dirigidas “ao anjo” (guardião, vigilante, mensageiro) da Igreja, mas são cartas às Igrejas e se dirigem a todas as comunidades. No tempo do Apocalipse, não havia ainda uma hierarquia de ministérios que nos dê o direito de pensar que o “anjo da Igreja” seria o bispo. É bem mais razoável pensar em uma imagem que toma o coletivo pelo pessoal. Então, anjo da Igreja é o modo de falar o espírito da comunidade. A prova disso é que todo o texto das mensagens é sempre dirigido não a alguém responsável pelas comunidades e sim ao conjunto das comunidades<sup>8</sup>.

8. Essa me parece ter sido a opinião do meu mestre, o padre José Comblin, em um de seus primeiros comentários do Apocalipse: Comblin, J. *Le Christ dans l'Apocalypse*, Paris: Ed. du Cerf, 1961. (Não tenho aqui a citação desse livro antigo, mas me recordo de ter lido essa forma de interpretar).

E aí se verifica uma eclesiologia que precisamos retomar: a partir do mistério e da realidade da Igreja local (cada carta é específica para uma Igreja), sempre no final, mostra que a palavra é ao mesmo tempo local e universal. Carlos Mesters e Francisco Orofino ressaltam isso: “A mensagem dirigida a cada Igreja deve ser entendida como enviada a todas as Igrejas”<sup>9</sup>: “Quem tiver ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas” (no plural) e não apenas àquela Igreja local.

b) Na introdução (“*Eis o que diz*”...), no capítulo 1 do livro do Apocalipse, o profeta João havia visto no domingo o Cristo Ressuscitado. Ele se apresenta com vários títulos e funções (cf. Ap 1,17-18). Agora, em cada uma das sete cartas, o Cristo se apresenta com um ou alguns dos títulos e funções da visão inicial do cap. 1. O título e a função com os quais o Cristo se apresenta tem a ver com a realidade e a necessidade de cada Igreja.

c) Cada carta descreve a realidade daquela Igreja local (“*Conheço*”...), geralmente de modo profético, ou seja, crítico. Das sete cartas, apenas a Igreja de Filadélfia (Ap 3,7-13) não parece ter nada a ser criticado.

d) De acordo com a realidade descrita de cada Igreja, a carta a tal Igreja contém um pedido (por exemplo, “*converte-te!*”, ou “*persevera*”) e uma promessa feita a quem resistir e vencer essa prova (“*Ao vencedor...*”).

Essas sete cartas do Apocalipse às Igrejas da Ásia poderiam inspirar outras tantas cartas às Igrejas de hoje. Essas precisam de apoio e força para suas lutas de inserção. Penso essa reflexão para as comunidades cristãs, católicas e evangélicas, de países como o Brasil, ainda inseridos na realidade do império e não no caminho novo do bolivarianismo possível. Para ajudá-las a ler o que o Espírito diz hoje às nossas Igrejas a partir do novo processo social e político emergente no continente, quero aqui desenvolver um comentário mais pormenorizado, embora rápido, da primeira das sete cartas, a carta à Igreja de Éfeso (Ap 2,1-7).

#### 4. A carta à Igreja de Éfeso

“Na época do Apocalipse, com seus duzentos mil habitantes, Éfeso era a capital de uma das mais florescentes províncias do Império Romano. O seu porto muito próspero, suas indústrias e os seus numerosos templos davam à cidade uma importante função comercial, política e religiosa. A expressão máxima da fama e da suntuosidade de Éfeso era o *Artemision*, o grandioso santuário dedicado a Ártemis (Diana), deusa da fecundidade, considerado uma das sete maravilhas do mundo antigo”<sup>10</sup>.

Conforme a tradição, em Éfeso residia a mais importante comunidade judaica da província da Ásia (At 18,19; 19,8). E segundo os Atos dos Apóstolos, mesmo na sinagoga, parece ter havido ritos sincretistas e de tipo mágico (At 19,13).

9. MESTERS, C. OROFINO, F. *Apocalipse de João*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013, p. 131.

10. MÁRQUES, R.P. *L'Apocalisse della Chiesa*. Assisi: Cittadella Ed., 2001, p. 31.

A primeira comunidade cristã de Éfeso teria sido fundada por Paulo (de 54 a 57 dC) e, no tempo do Apocalipse, a comunidade cristã de Éfeso parece orgulhar-se de sua organização e de sua coerência de fé ao não se dobrar às imposições de Inácio de Antioquia, que, na sua carta aos efésios, elogiara os cristãos “por não darem ouvido a falsos apóstolos” (*Inácio, aos efésios, 9,1*)<sup>11</sup>.

É a essa comunidade que o Apocalipse afirma: “*Ao anjo da Igreja que está em Éfeso escreve: Assim fala Aquele que tem as sete estrelas nas mãos e caminha em meio ao candelabro de ouro*” (2,1).

Quem lê os profetas antigos se lembra da expressão: “Assim diz o Senhor”, tão comum em Amós, Isaías e outros profetas (Am 1,3.6.9; Jr 6,16.22). Isso significa que a mensagem à Igreja de Éfeso é uma palavra profética e deve ser acolhida como uma profecia, embora o conteúdo da promessa no Apocalipse vai bem além da denúncia profética do Primeiro Testamento. O fato do Cristo se apresentar como aquele que tem as sete estrelas nas mãos se refere ao primeiro capítulo e ali foi explicado o significado: ter as estrelas nas mãos e caminhar no meio do candelabro significa ter nas mãos a vida das Igrejas e dele depender a vitalidade e o espírito das Igrejas (cf. Ap. 1,20). O fato de afirmar isso no começo deixa claro para a Igreja de Éfeso que ela pode ser a mais bem organizada, a Igreja verdadeiramente disciplinada, uma Igreja da ortodoxia, na qual tudo está no lugar, mas isso não basta. O Cristo elogia a sua fé, sua constância, sua perseverança, tudo, mas “*tenho contra ti que abandonaste o teu primeiro amor*” (Ap 2,4).

Essa expressão “o primeiro amor” na Bíblia é muito rica e nos remete aos profetas. O profeta Jeremias dizia a Israel: “*Eu me lembro do amor da tua juventude, do teu tempo de noivado, quando me seguias pelo deserto*” (Jr 2, 2). Oseias afirmava: “*Vou conduzi-la de volta ao deserto, vou falar ao seu coração. (...) E ela me responderá, como nos dias de sua juventude (do seu primeiro amor) quando subiu da terra do Egito*” (Os 2,14-15).

Nos anos 80, o pastor Jorge Pixley lê o profeta Oseias à luz da experiência da Nicarágua sandinista. Ao comentar o capítulo 2 do profeta, afirma: “Oseias quer que seu povo volte às raízes de sua nacionalidade. (...) Eis a experiência do sandinismo na Nicarágua: a soberania se constrói e se defende resgatando a história e a cultura”<sup>12</sup>.

Sempre que o projeto inicial é ameaçado, deve ser lembrado e atualizado. É isso que o quarto evangelho faz ao comentar a ação pascal de Jesus como uma atualização do Êxodo. O Apocalipse também faz isso, principalmente em sua segunda parte. Na carta à Igreja de Éfeso, a linguagem usada é essa: “voltar ao primeiro amor”.

11. Cf. *Cartas de Santo Inácio de Antioquia*. Comunidades eclesiais em formação. Petrópolis: Vozes, 3. ed. 1984, p. 39-49.

12. PIXLEY, J. Oseias, nova proposta de leitura a partir da América Latina, in *RIBLA*, n. 1. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Imprensa Metodista, 1988, p. 60-61.

Não vou fazer exegese detalhada de cada versículo da mensagem. Não é o objetivo dessa meditação<sup>13</sup>.

O que aqui nos toca é ver como a Igreja de Éfeso era uma Igreja muito bem organizada, fiel, religiosa e disciplinada, mas isso não basta para uma Igreja. O Cristo lhe diz: *“Tenho contra ti que abandonaste o teu primeiro amor”*. E vimos que isso, hoje, poderia ser traduzido por: “Você abandonou a caminhada, o Espírito do Êxodo, aquilo que por um tempo, na América Latina, chamávamos de “mística do Reino”.

À Igreja de Éfeso no Apocalipse, o Cristo adverte: *“Lembra-te, então, de onde caíste. Converte-te e volta a fazer as ações dos primeiros tempos. Se não te converteres, virei a ti e removerei o teu candelabro do seu lugar”* (Ap 2,5). Remover o candelabro é também uma expressão bíblica (cf. Is 57,14 e Zc 3,9) e pode significar que Deus vem remover os obstáculos à vida do seu povo, ou, como no caso dessa Igreja, que se ela não volta a viver o espírito da caminhada da aliança e do Êxodo, Deus vem lhe tirar a única coisa que ela ainda tem: sua organização. O Cristo ameaça vir “bagunçar” a vida da Igreja muito bem comportada, mas sem espírito, sem proposta de caminhada.

A promessa feita à Igreja de Éfeso retoma o Gênesis e a promessa da vida: *“A quem vencer, darei de comer da árvore da vida que está no paraíso de Deus”* (Ap 2,7). Aquilo que no Gênesis é visto como pecado, ou tabu, agora se torna promessa – vocês se tornarão divinos/as, serão como Deus. O pedido do Cristo é que a Igreja de Éfeso retome sua opção de caminhada do Êxodo, do deserto, da libertação (como vimos, é isso que os profetas do Primeiro Testamento chamam de “primeiro amor”).

## 5. “Às Igrejas latino-americanas...”

Como a Igreja de Éfeso era uma Igreja local, não dá para compará-la com as Igrejas latino-americanas de hoje. Tanto Igrejas da comunhão católico-romana, como Igrejas de confissão evangélica e reformada são antes de tudo Igrejas locais, cada uma delas com sua história e suas peculiaridades. No entanto, sem dúvida, a carta à Igreja de Éfeso, como as outras sete cartas às Igrejas da Ásia, podem servir para ajudar em um exame de consciência de nossas Igrejas.

Sem forçar barras, podemos afirmar que, para as Igrejas cristãs da América Latina e Caribe, a conversão aos empobrecidos e o surgimento das pastorais sociais foram, de certa forma, como na Bíblia, o tempo do Êxodo, da redescoberta

13. Para um comentário mais pormenorizado, veja: MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. *Apocalipse de João*. São Paulo: Fonte Editorial; Aparecida: Ed. Santuário, 2013, p. 134-136.

da aliança de intimidade com Deus e do compromisso da fé, como caminho de libertação no mundo. Foi o tempo do “primeiro amor” para nossas Igrejas. Para as Igrejas, tanto católicas, como evangélicas, esse “primeiro amor” bíblico não é apenas o primeiro no sentido do *original* e sim o primeiro como *básico*, como *fundamental*.

No caso da Igreja Católica, conforme José Comblin, o nascimento de uma Igreja com cara e cor da América Latina surgiu em Medellín, por ocasião da Segunda Conferência Geral do Episcopado latino-americano (1968). Dali surgiu forte a opção pelos empobrecidos e a teologia da libertação. No mesmo ano, as Igrejas evangélicas históricas tinham a Quarta Assembleia Geral do Conselho Mundial de Igrejas em Upsala, na Suécia, com o tema “Faço novas todas as coisas” (Ap 21,5). Esse tema, não por acaso do Apocalipse, incitava as Igrejas membros à renovação e à inserção. Ainda em 1968, a Igreja Metodista do Brasil publicava o seu “Credo Social da Igreja Metodista”, no qual ela afirmava suas opções de uma Igreja serviço<sup>14</sup>.

Foi o que, em um livro da época, Leonardo Boff chamou de “eclesiogênese”, ou “reinvenção da Igreja”<sup>15</sup>. As Igrejas se reinventavam a partir das bases e da vocação de ser serviço à transformação do mundo. Em Medellín, os bispos propuseram: “Que se dê à Igreja o rosto de uma Igreja pobre, servidora e pascal, comprometida com a libertação de todo ser humano e de cada pessoa em sua integralidade” (Med. 5,15).

É claro que, hoje, esse apelo não pode nos levar a uma nostalgia dos anos 80 e nem a querer simplesmente reconstruir um tempo que já passou. O apelo divino deve ressoar mais como um chamado a sermos coerentes e prosseguir o caminho iniciado, assumindo a realidade atual e refletindo sobre os desafios que essa realidade pede de nós e como devemos a ela responder.

Sem dúvida, para os movimentos sociais do continente, o novo bolivarianismo e o processo social e político que ele abriu foi a retomada do caminho revolucionário e de inserção nas bases. Independentemente das ambiguidades ou erros inerentes a todo caminho social e político que se inicia, ele representa o esforço de libertar o continente do imperialismo externo e interno, o caminho para um novo socialismo que acabe com as imensas desigualdades sociais e o processo de uma integração continental que nunca tivemos antes na história. Ainda nesse final de janeiro de 2014, a 2ª reunião de cúpula da CELAC (Comunidades de Estados da América Latina e Caribe), reunida em Havana com 33 governantes de nossos países e representando 600 milhões de pessoas (habitantes da América Latina e Caribe), mostrava essa força.

14. *Tempo e Presença*, coleção do SEI (Serviço Ecumênico de Informações), Rio de Janeiro: 1969.

15. BOFF L. *Eclogênese, a reinvenção da Igreja*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1977.

Atualmente, retomar esse *primeiro amor* significa a retomada da mística revolucionária e transformadora do mundo nos anos em que surgiu a Teologia da Libertação e a opção de uma Igreja servidora do povo.

No contexto atual, nossas Igrejas continuam tentadas pela cultura do espetáculo de massa e pela sedução do marketing dos cultos, tipo shows e da espiritualidade adaptada ao neoliberalismo. Algumas delas se tornaram mais legalistas e “voltaram à grande disciplina”, como se a lei pudesse salvá-las da crise. Paulo já advertia que a lei não salva ninguém. Só a graça. O processo bolivariano representa para as Igrejas uma profecia vinda de fora, surgida na sociedade civil e com rosto laical. Ao mesmo tempo, recorda às Igrejas sua origem de movimento profético, de serviço ao reinado divino no mundo e sua vocação de amor e predileção pelos mais pequeninos e empobrecidos, além do caráter de unidade continental e integração que o bolivarianismo suscita e propõe.

É tempo de relermos as cartas do Apocalipse às Igrejas da Ásia e especialmente a carta à Igreja de Éfeso. É importante que escutemos para nós e para nossas Igrejas como apelo novo do Cristo Ressuscitado a palavra: “Volta ao teu primeiro amor” (Ap 2,5).

### **Bibliografia**

- BOFF, L. *Eclesiogênese. A reinvenção da Igreja*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1977.
- COMBLIN, J. *Le Christ dans l'Apocalypse*. Paris: Ed. du Cerf, 1961.
- LIMA, L. CORREA et alii. *Desejo e Mistério*. Rio de Janeiro: Ed. Reflexão, 2013.
- MÁRQUES, R. PÉREZ. *L'Apocalisse della Chiesa*. Assisi: Cittadella Editrice, 2001.
- MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. *Apocalipse de João*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.
- PIXLEY, J. Oseias, nova proposta de leitura a partir da América Latina, in *RIBLA*, 1, Petrópolis: Vozes; São Paulo: Imprensa Metodista, 1988, p. 60-61.
- RICHARD, Pablo. *Apocalipsis, reconstrucción de la esperanza*. San José Costa Rica: DEI, 1994.
- \_\_\_\_\_. Editorial. Apocalíptica, esperança dos pobres. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Imprensa Metodista, 1990, p. 6(110).
- SANTOS, Boaventura de Sousa. A esquerda tem o poder político, mas a direita continua com o poder econômico. In: *Caros Amigos*, março 2010.
- VV.AA. *Revista Tempo e Presença*. Rio de Janeiro: coleção do SEI (Serviço Ecumênico de Informações), 1969.
- VV.AA. *Ofício Divino das Comunidades*. São Paulo: Paulus, 1994, 15. ed. 2011, p. 406.